

Museu Municipal Atílio Rocco

Coleção

FONTES HISTÓRICAS

Volume 5

Cartografia Histórica

mais
cultura



Museu Municipal
Atílio Rocco



**São José
dos Pinhais**
PREFEITURA

Coleção
FONTES
HISTÓRICAS
Volume 5

Cartografia Histórica

Organização
Luciano Chinda Doarte
Juliana Stonoga
Lucas Emanuel Pereira Lage

2022

Coleção Fontes Históricas – vol. 5

Cartografia Histórica

Organização

Luciano Chinda Doarte

Juliana Stonoga

Lucas Emanuel Pereira Lage

Tratamento Técnico de Imagens, Documentos e Conteúdo

João Fernandes Alves Neto

Jonas Dias Jacinto Vieira

Produção Visual

Vivian Padilha

Revisão

Jonas Dias Jacinto Vieira

M986 Museu Municipal Atílio Rocco
Cartografia histórica [recurso eletrônico]. / organização Luciano Chinda Doarte, Juliana Stonoga, Lucas Emanuel Pereira Lage. São José dos Pinhais, PR: Prefeitura Municipal, Secretaria Municipal de Cultura, Museu Municipal Atílio Rocco, 2022. (Coleção Fontes Históricas, v. 5).

Formato digital: 93 p.; il.
Disponível em: <http://museu.sjp.pr.gov.br/publicacoes>

1. Cartografia – História. 2. Geografia histórica - Mapas.
3. Mapas. 4. Livros eletrônicos. I. Museu Municipal Atílio Rocco. II. Doarte, Luciano Chinda. III. Stonoga, Juliana. IV. Lage, Lucas Emanuel Pereira. V. Título.

CDD 912

Elaborado pela Bibliotecária Glaciane Pereira de Souza – CRB-9/1428

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

MUSEU MUNICIPAL ATÍLIO ROCCO

Rua XV de Novembro, 1660

83.005-000 – São José dos Pinhais/PR

41 3381 5900 / 41 3381 5913

museu.municipal@sjp.pr.gov.br

<http://museu.sjp.pr.gov.br>

<https://facebook.com/museusjp>

<https://instagram.com/museu.sjp>

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

Nina Singer

Prefeita

Marcelo Setim Dal Negro da Rocha

Secretário Municipal de Cultura

Simone Freitas Zardo Werner

Chefe da Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico

MUSEU MUNICIPAL ATÍLIO ROCCO

Luciano Chinda Doarte

Coordenador

Jonas Dias Jacinto Vieira

Coordenador do Arquivo Histórico

João Fernandes Alves Neto

Charles Ferreira Mendes

Apoio Administrativo

Ana Iracema Callegarin

Juliana Stonoga

Lucas Emanuel Pereira Lage

Stefani Gonçalves Harmatiuk

Kimberlly Rodrigues Vidal da Luz

Emanuele Luize Padilha

Thiago Palumbo Rolim Ribeiro da Silva

Estagiários

Coleção Fontes Históricas

Marcelo Setim Dal Negro da Rocha
Secretário Municipal de Cultura de São José dos Pinhais

A Coleção Fontes Históricas foi pensada com o objetivo de difundir o patrimônio preservado no acervo do Museu Municipal Atílio Rocco. A idéia central é a de reunirmos variadas fontes históricas de informação sob um mesmo tema e ofertá-las à população são-joseense de modo a ampliar o acesso democrático aos bens culturais municipais.

O Museu Municipal Atílio Rocco, fundado em 1977 pelo ativismo cultural de Ernani Zetola, é detentor de um acervo muito rico e diverso, no qual podem ser encontradas preciosidades da história e das culturas de São José dos Pinhais. Nele estão guardados muitos objetos, documentos, fotografias, mapas e outros tipos de documentos históricos, cumprindo um dos papéis mais importantes dos museus: a preservação do patrimônio de uma sociedade. Também no Museu Municipal Atílio Rocco, são pesquisados e expostos assuntos com base em nosso acervo local, garantindo um trabalho técnico e refinado de estudos e de comunicação do conhecimento.

Com uma coleção como a Fontes Históricas, nossa instituição histórica cumpre mais um de seus importantes papéis sociais: o de ampliar o acesso à informação, o de democratizar as fontes de cultura, o de ofertar conhecimento. São com essas preocupações de ampliação do acesso democrático à cultura e de difusão do conhecimento que a Coleção Fontes Históricas apresenta assuntos de elevada importância cultural para São José dos Pinhais e para todas as pessoas que dão corpo todos os dias a esse município.

Mapas Históricos: registros entre o tempo, o espaço e a inventividade

Luciano Chinda Doarte
Historiador e Coordenador do Museu Municipal Atílio Rocco

GPS, fotografias via satélite e até pseudopasseios (porque irreais) em ruas muito, muito distantes de nós, são possibilidades para diferentes tipos de contato com o espaço a partir de nossos corpos. Mas, essa é uma realidade do século XXI, com tecnologia eletrônica e conectividade quase que ilimitadas. Por isso mesmo, é evidente que os modos de estabelecermos contato com o mundo “real”, material e de nos localizarmos nele sofreu alterações profundas.

É a Anaximandro que o mundo de cultura ocidental lega a criação da “primeira representação geográfica, a primeira tábula, o primeiro mapa” (FARINELLI, 2012, p. 42). Anaximandro, registre-se, é um homem que viveu entre 610 a.C. e 546 a. C., portanto, com mais de 2500 anos de distância do nosso tempo. Também temos em Cláudio Ptolomeu uma figura importante para a forja de mapas. O grego nascido no ano de 90 e falecido em 168, foi “quem revelou à cultura ocidental [...] um de seus maiores segredos, talvez o mais importante: a arte de transformar o globo em um mapa, em uma carta geográfica” (FARINELLI, 2012, p. 59).

Apenas com esses acontecimentos já podemos notar a preocupação para com o espaço, suas formas de descrição, identificação e localização como algo profundamente enraizado nas dinâmicas da nossa cultura.

Parte essencial desse processo foi – e ainda é, apesar das mudanças severas – a produção de mapas. Acerca dos mapas, é importante que pensemos não apenas com os olhos voltados aos princípios cientificistas que hoje eivam as representações do espaço, mas, isto sim, com abertura às provocações que cada tempo nos oferece para entendermos esses artefatos. Assim sendo, ao notarmos em um mapa histórico representações de espaços ou seres hoje amplamente entendidos como irreais, não se trata automaticamente de uma mentira em sentido maniqueísta, mas de formas historicizadas de representação do espaço – seja do “real” ou do imaginado tomado como concreto.

O comunicador Daniel Melo Ribeiro assim apresenta uma ideia simples de Cartografia: “pode ser entendida como a ciência que estuda a representação do espaço geográfico, cujo principal objeto de investigação é o mapa”, que, “nesse sentido, são representações visuais bidimensionais de um determinado recorte espacial” (2016, s.p. [1]). Entretanto, estaria apenas em certa descrição do espaço pela visualidade o resultado de um trabalho cartográfico? Por certo que não, dado que as afetações de mentalidade e subjetividade de determinado contexto histórico interferem diretamente. O próprio comunicador complementa dizendo que “a maneira como um mapa se propõe a representar um espaço está condicionada às técnicas, habilidades e visões de mundo historicamente adquiridas por seus criadores. Podemos afirmar que o mapa é um signo cultural, cujos aspectos técnicos e comunicativos trazem as marcas inevitáveis do contexto histórico em que foi concebido (RIBEIRO, 2016, s.p. [1]).

Nessa mesma forma de entendimento, comentam as historiadoras Silvana Gomes dos reis e Claudia Regina A. Prado Fortuna que “a cartografia deve ser vista como uma manifestação cultural própria de cada povo. Suas funções podem ser múltiplas: fixar limites, determinar itinerários [...], informar rota de caça, localização de fontes de água, áreas de segurança, etc. Conforme o seu uso pode transformar-se num instrumento de planejamento e de administração ou até de dominação (pelo seu uso ideológico)” (2012, s.p. [3]).

Assim sendo, se são, a cartografia e o trabalho do cartógrafo, frutos de contextos culturais sempre específicos, são os mapas resultados de um sistema de entendimento do ser humano no mundo geofísico ancorado em seu contexto mais ou menos ensimesmado. Isso não ignora o caráter científico da produção dessas representações, mas percebe a camada semântica de vínculo com formas de entendimento que sustentam esses objetos como produto-produtores dessas mesmas formas.

Isso significa dizer que termos no Brasil do século XXI uma imagem em senso comum de que, por exemplo, mapas são representações visuais de um território em um pedaço de papel que se guarda enrolado, em um tubo próprio, em pé em um canto ou armário, é um sintoma do nosso tempo e nossa noção de “mapa”. O motivo disso é que representações do espaço em sentido cartográfico existiram em diferentes suportes, modelos e formas narrativas que não necessariamente o que conhecemos hoje.

Outro tópico provocador da leitura de mapas é perceber um equilíbrio feito por esses documentos sobre um fio muito pouco firme que tenta separar o discurso empírico de caráter científico e a atividade artística humana. Se debruçar sobre esse tema

é buscar perceber que as representações do espaço “do real”, geofisicamente existente acontece em dois movimentos, sobretudo quanto maior a distância histórica desses objetos para com a tecnologia eletrônica e informacional atual: o primeiro, é o de uma tentativa de descrição do mundo tal qual ele é, e esse é um mote muito próprio do mundo moderno, que apresenta saberes disciplinares chamados de “ciências”, com critérios muito rígidos e específicos, promovendo uma “supremacia do empirismo” (RIBEIRO, 2016, s.p., [10]). Obviamente que, à luz da necessidade, encontrar em um mapa uma representação confiável do mundo como se apresenta a nós é ideal, mas, novamente, esse é um sintoma do modo moderno e contemporâneo de representação do espaço.

Quanto mais distantes temporalmente de nossas técnicas e possibilidades, os mapas apresentavam mais aprofundadamente o sabor de imaginação ou de alegoria exatamente artística. Sem satélites e fotografias corrigidas automaticamente por sistemas de informação para o resultado de mapas tecnológicos e interativos, disponíveis com o toque dos dedos na tela do smartphone, os desenhos em si são arte. Com traços, cores, contornos o cartógrafo não só representava, mas criava artisticamente uma peça visual.

Ainda, para além do assunto da estética visual dos mapas pintados ou desenhados, em alguns mapas famosos podem ser observados registros de coisas que para o nosso tempo podem beirar o absurdo, como monstros marinhos ou seres celestes. Novamente, haver representações desses itens não significa um sinônimo de mentira e enganação no século XVI, por exemplo, mas um registro do pensamento daquele tempo. Colocar o Além cristão em um mapa não se dava por ludibriação, mas por um entendimento de que um algo metafísico era, também, concreto.

Obviamente a justificativa disso está, para nós, muito mais na mentalidade de um povo que na visita descritiva ao Além ou no encontro com monstros narrados. E exatamente por ser do campo da mentalidade, o teor cultural está denunciado. O agente social que realiza mapas não é um ser humano fora de um contexto desde onde narrará a geofísica. Ele é, antes de cartógrafo, um ser humano socializado, o que se reflete em seus trabalhos.

Outro mote de interesse a ser pensado sobre os mapas é como esses artefatos culturais, que podem servir a diferentes propósitos, podem alimentar e, ao mesmo tempo, tentar sanar a curiosidade humana. O desenho, a fotografia, a pintura sobre um espaço existente representa, em geral, uma ausência. Pensemos nos mapas que foram feitos sobre o espaço do continente americano quando das primeiras viagens e dos contatos iniciais dos povos ibéricos com a região. Ao voltarem, seja os atores sociais que narraram

sobre a terra ou os que a viam e depois representavam em imagem, forneciam aos demais de seus povos uma promessa sobre uma terra que muitos jamais conheceriam. Assim, propunham sobre a curiosidade gerada pelo tema um discurso sobre a ausência.

Ausência porque a terra do atual Brasil estava longe daqueles portugueses, não se acessava facilmente, talvez alguns nunca acessassem, mas havia terra! Mesmo ausente da realidade cotidiana do mundo ibérico, havia terra. Apesar do fato de que o corpo é o limitador e o potencializador das intenções e das chances de todo ser humano vivente, havia um algo no além mar. Se não pela viagem de um corpo até o território, ao menos na leitura dos mapas seria possível ver e saber desse Novo Mundo.

No caso brasileiro, a curiosidade – para além das pretensões comerciais – era alimentada pelo imaginário ancorado nas promessas da cristandade. Como explica o sociólogo João Marcelo Ehlert Maia, “as primeiras narrativas que interpretam o Brasil sob o prisma de uma imagem espacial associada à natureza têm como eixo o tema do paraíso” (2008, p. 43). Paraíso em sentido de Além mesmo, de metafísico, como se estivesse no Brasil a prometida terra de farturas da mitologia cristã. Esse é, por isso mesmo, mais um sintoma de como imaginação e prática empírica se combinaram largamente.

Não só no passado, mas também em tempos mais recentes imaginação e empirismo são aliados. Ao pensarmos, por exemplo, em uma pretensa identidade cultural nacional em sentido total, aponta o mesmo sociólogo, o Brasil apela constantemente ao seu território e à geofísica (como em belezas naturais) para tentar suplantar a falta de uma subjetividade comum e ampla. Diz o pesquisador que “o Brasil teria sido produzido por uma lógica territorialista, e nossas auto-interpretações subsumiriam a história à geografia, como se o espaço suprisse a ausência de uma tradição cultural consensual. Afinal, o escravismo e o complexo de relações raciais e sociais excessivamente hierarquizadas tornariam tarefa inglória a formatação de uma totalidade que pudesse representar a necessária ficção democrática do ‘povo soberano’” (MAIA, 2008, p. 46).

Estaria no espaço certamente muito representado em mapas a ancoragem para uma noção de “povo brasileiro”, tendo em vista que o passado é evado de colonialismo e o presente, de desigualdades, o que gera discordâncias e disputas discursivas e até fisicamente violentas sobre um entendimento de quem somos enquanto uma sociedade.

Como acusou o historiador Paulo Celso Miceli, o trabalho do campo da História tem certa forma tradicional de legar à Geografia e à Cartografia um papel demasiado auxiliar (1996, p. 13-14). Entender que essas disciplinas de conhecimento e muitos

dos seus resultados estão para além da “coisa física” (não a diminuindo, como se não tivesse valor por si) nos fornece orientações, localizações não só no espaço, mas também na cultura. Como demarca o geógrafo Franco Farinelli, “se o mundo é um mapa (e somente porque o mundo é um mapa), esquerda e direita, ocidente e oriente são direções estáveis e unívocas, como foram efetivamente por toda a época moderna” (2012, p. 137).

Nem tão estáveis ou unívocas são as direções atribuídas historicamente pela cultura, mas, mesmo em tempos de crise, mesmo quando o equilíbrio sobre o fio é mais difícil, as direções ainda são um referencial.

Referências

FARINELLI, Franco. A Invenção da Terra. São Paulo: Phoebe, 2012.

MAIA, João Marcelo Ehlert. A Terra como Invenção: o espaço no pensamento social brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MICELI, Paulo Celso. A terceira margem: notas breves sobre a representação do espaço no trabalho do historiador. In: MIGUEL, Antônio; ZAMBONI, Ernesta (Orgs.). Representações do Espaço: multidisciplinaridade na educação. Campinas: Autores Associados, 1996. P. 9-15.

REIS, Silvana Gomes dos; FORTUNA, Claudia Regina A. Prado. Mapas Históricos: testemunhos do imaginário de uma época. In: O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense. Volume 1. 2012.

RIBEIRO, Daniel Melo. Utopia e Territórios Imaginários: representações cartográficas do espaço medieval. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, São Paulo, 5 a 9 de setembro de 2016.

Cartografia Histórica

Luciano Chinda Doarte

Historiador e Coordenador do Museu Municipal Atílio Rocco

Os treze mapas reunidos nessa edição apresentam diferentes contextos espaciais e formas de representação. São documentos que retratam desde contextos mais abrangentes, como um Mapa Geral do Brasil, organizado por J. Carneiro da Silva e por Pedro Voss, em algum momento entre 1946 e 1949, e retratos do espaço são-joseense, como um dos mapas apenas intitulado como Município de São José dos Pinhais, sem datação ou autoria, que privilegia grandemente os saltos, as serras e os rios da região, como o Rio Arraial e o Rio Iguaçu, dois veios aquíferos de enorme importância para diferentes ocupações do território.

Além dos mapas propriamente ditos, há plantas. Uma delas, do centro urbano de São José dos Pinhais, sem datação, representa, além das ruas e dos desenhos das quadras, alguns pontos referenciais de importância – senão para o século XXI, certamente para aquele contexto –, como a Caixa Econômica, quando ainda localizada em uma esquina ao lado da atual Catedral, ou a Prefeitura e o Posto de Higiene, quando ainda localizados, respectivamente, no prédio do atual Museu Municipal e na Unidade Básica de Saúde Central. Há também uma planta de Curitiba, de 1927, quando ainda se grafava “Curityba”, com pontos de referência dispostos em uma legenda com as localizações muito diferentes das atuais, mas retratos de um tempo passado.

Uma dificuldade com esses documentos foi precisar, muitas vezes, uma datação ou autoria, por isso mesmo alguns seguem sem as informações. Essas obras de localização, ocupação espacial e imaginação fazem parte do acervo do Museu Municipal Atílio Rocco e certamente servem para alimentar curiosidades e, sobretudo, o imaginários do contemporâneo sobre ruas e endereços já trocados, mas de alguma forma registrados.

1. Mapa do Estado do Paraná

Título:

Data: sem data [1900]

Autoria: [Ilegível] Ferreira de
Abreu, Candido Ferreira de
Abreu e Manoel F. [Ilegível]





Figura 1

2. Planta do Nucleo Colonial Santos Andrade

Título:

Data: sem data [1900], conferido em 1914

Autoria: Mario Abreu

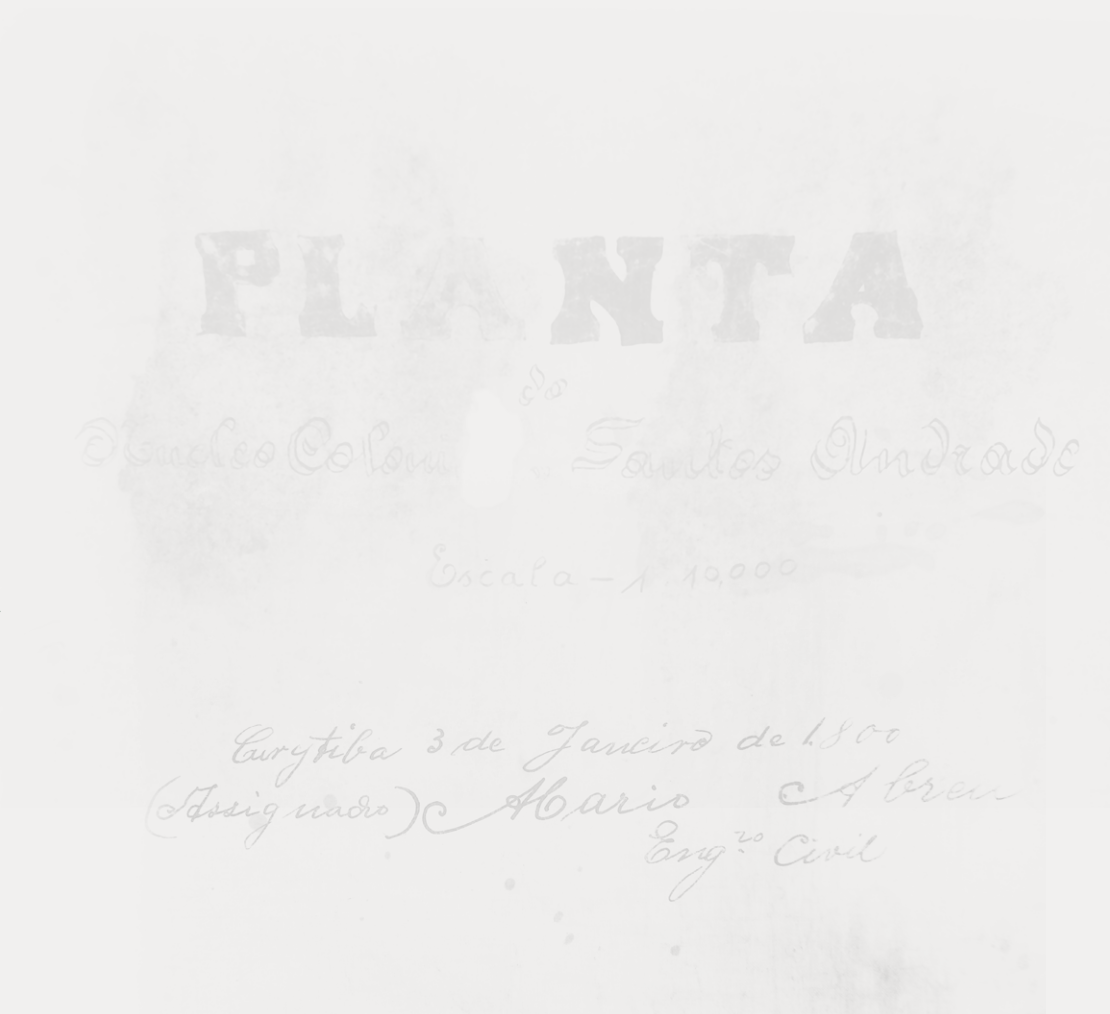




Figura 2



Figura 3

Luzitaba 3 de Janeiro de 1800
(Assinado) Alvaro A. Bren
Eng^{ro} Civil

Figura 4

Cambridge
25-4-914
yruz 13

Figura 5



Figura 6

3. Mapa Geral do Brasil

Título:

Data: 1943

Autoria: J. Carneiro da Silva e Pedro Voss





Figura 8

4.

Título:

Município de São José dos Pinhais

Data: sem data

Autoria: desconhecida





Figura 9



Figura 10

5. Planta de São José dos Pinhais

Título:

Data: sem data

Autoria: desconhecida





Figura 11

6. Planta da área urbana de São José dos Pinhais

Título:

Data: sem data

Autoria: desconhecida



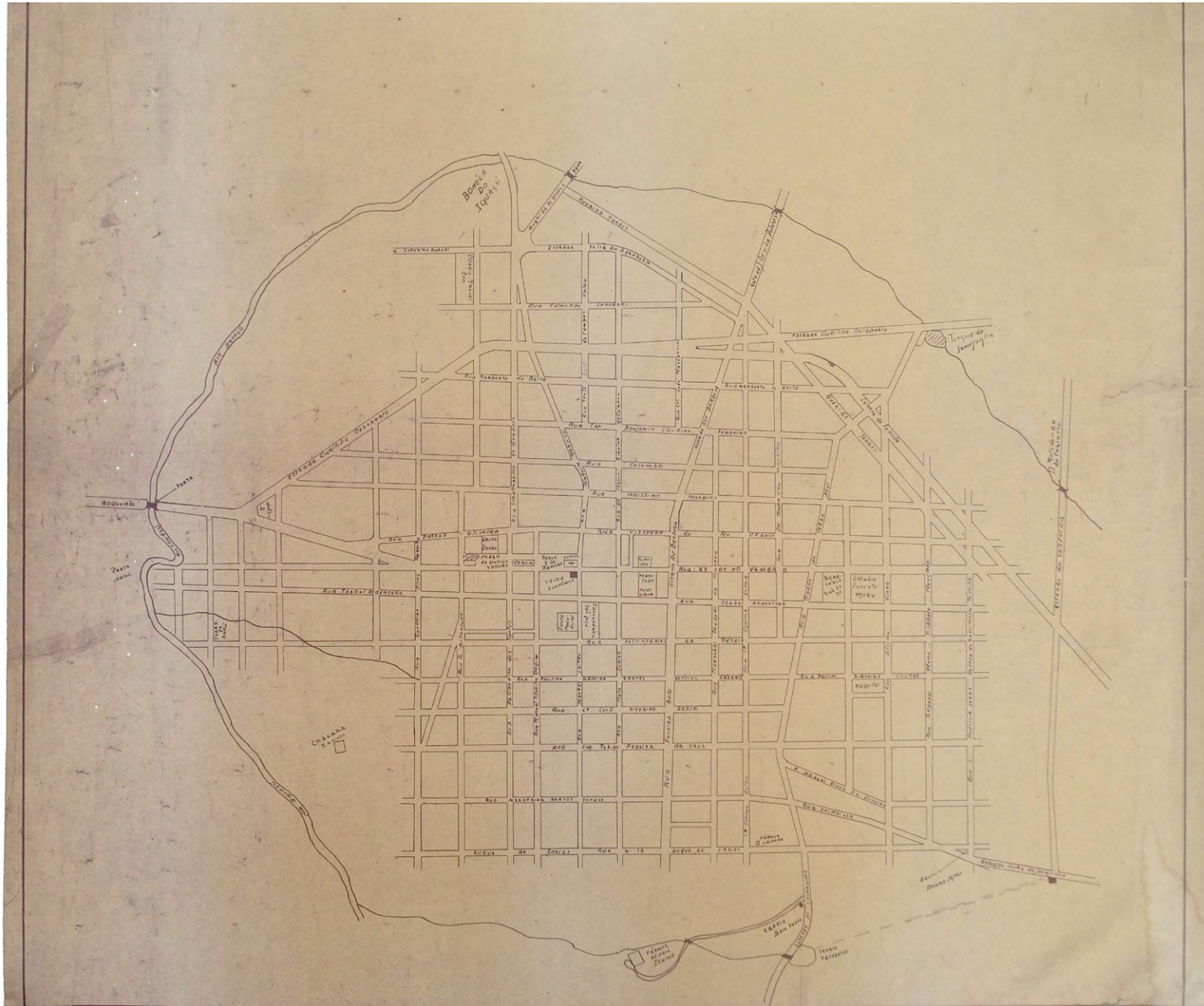


Figura 12

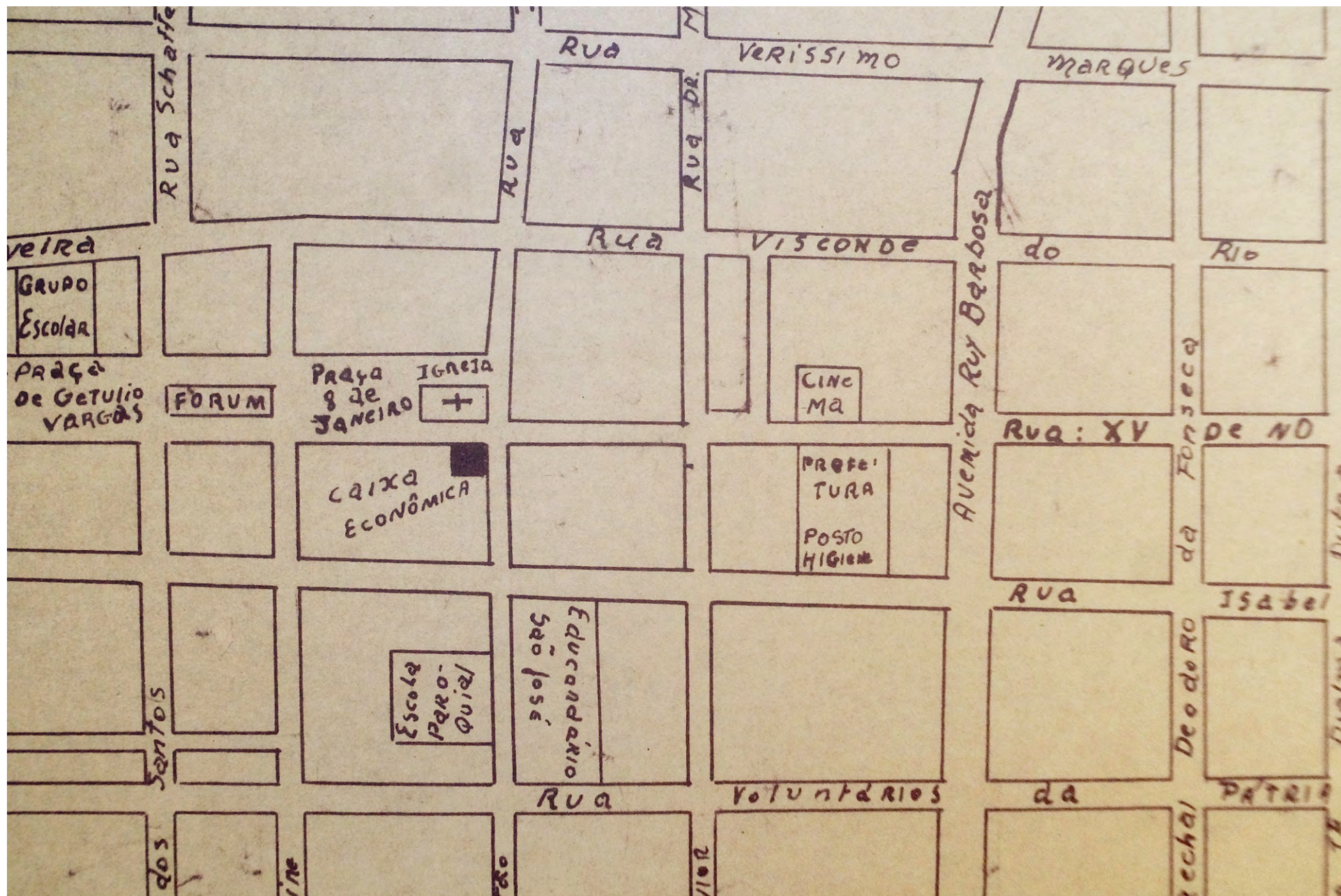


Figura 13



Figura 14

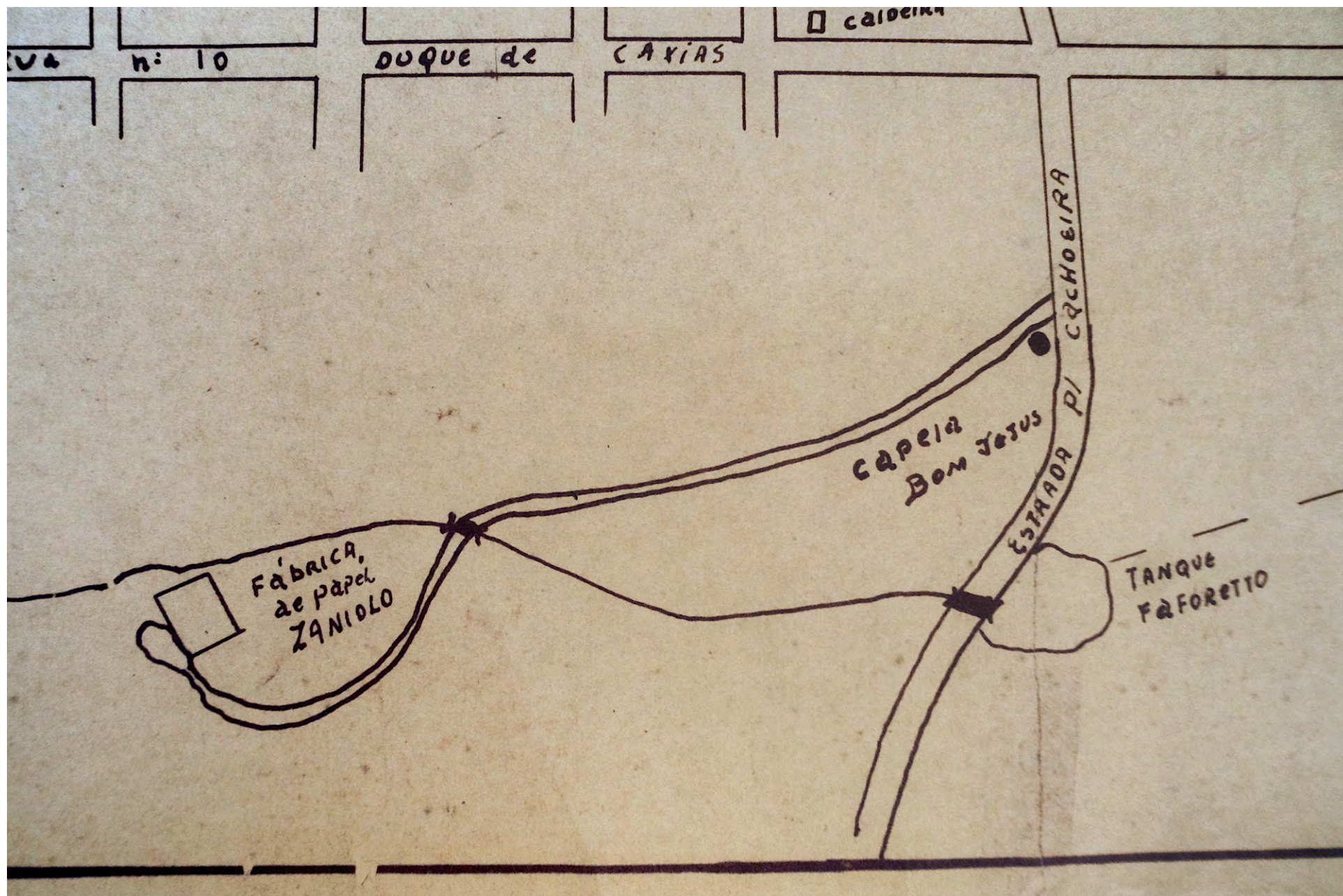


Figura 15

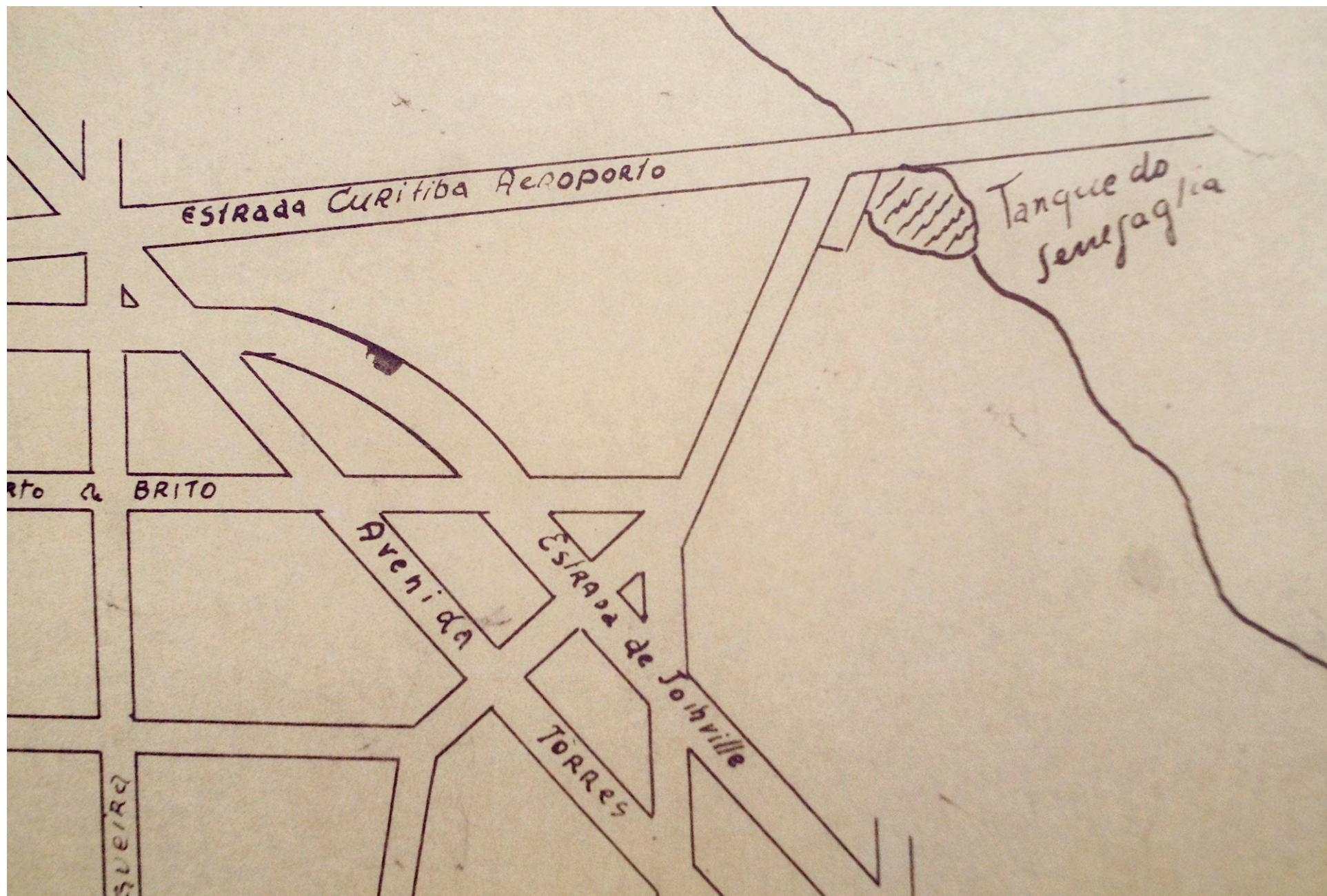


Figura 16

7. Planta de Curityba

Título:

Data: 1927

Autoria: desconhecida



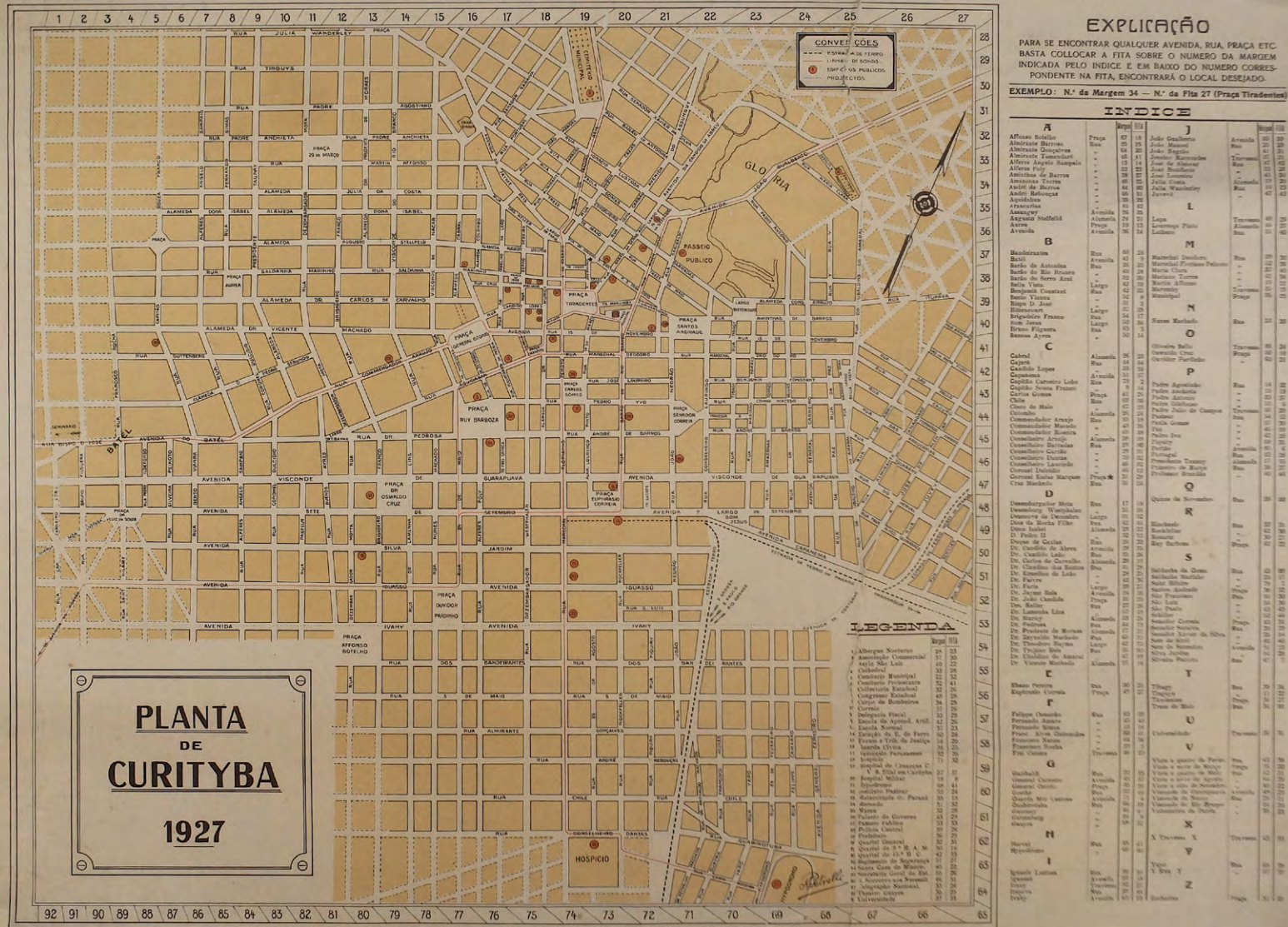


Figura 17



Figura 18

8. **Planta de Retificação da Colônia Santos Andrade**

Título:

Data: 1914

Autoria: Mario Abreu



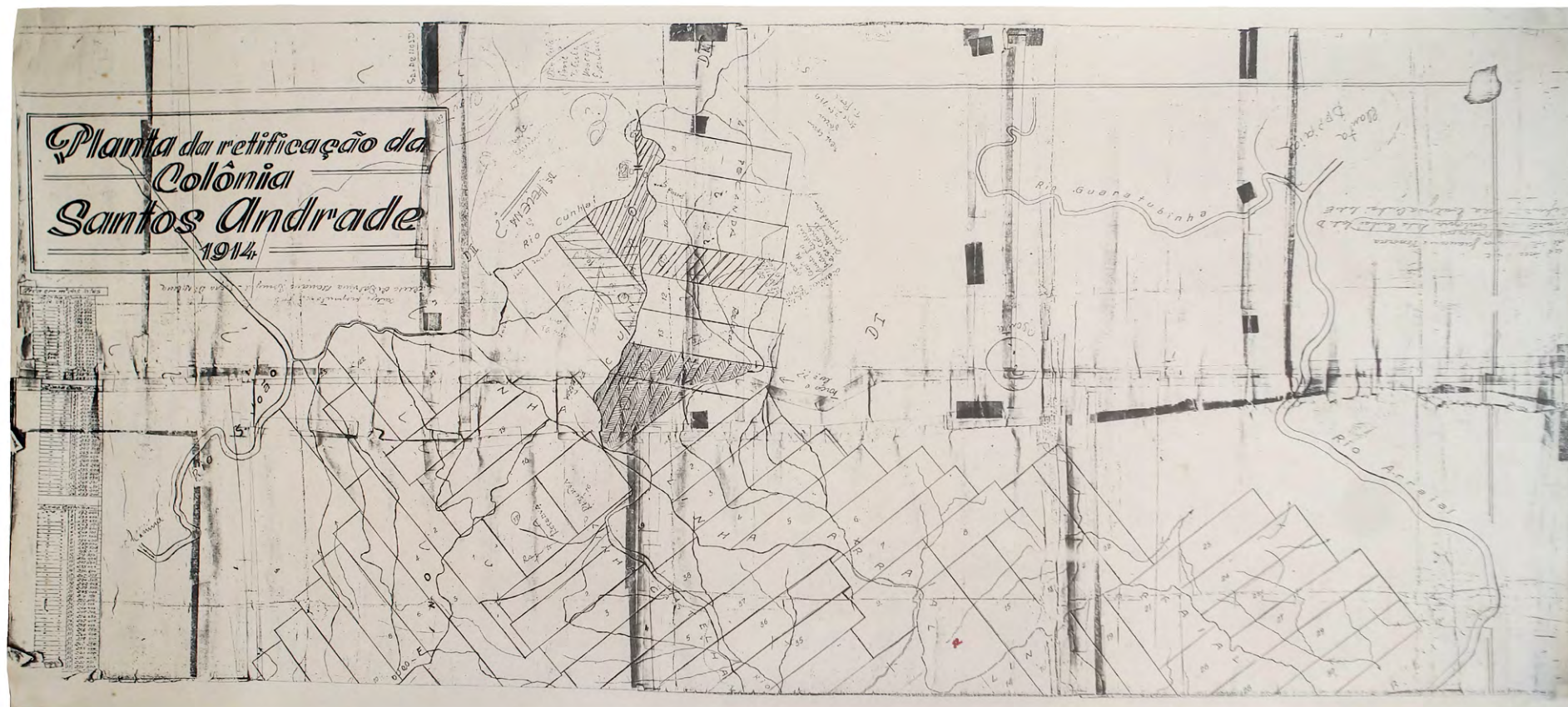


Figura 19

A detailed, faded map of Brazil and Uruguay serves as the background for the entire page. The map shows state and national boundaries, major cities, and a network of roads. The text is overlaid on the left side of the map.

9. Título:

Mappa da Viação Ferreia dos Estados Unidos do Brasil e da República do Uruguay

Data: 1942

Autoria: desconhecida

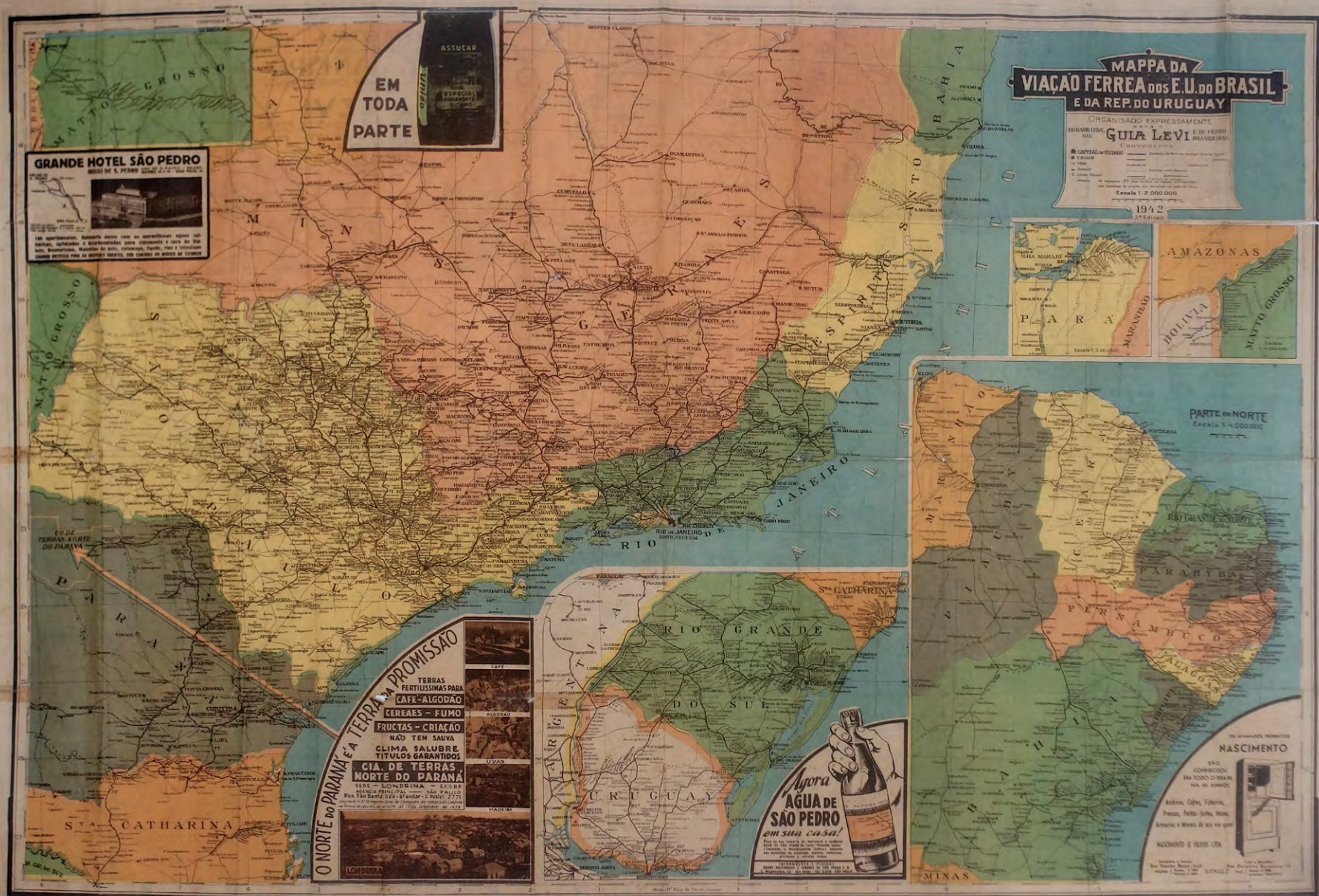


Figura 20



Figura 21

10. Planta Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Título:

Data: sem data

Autoria: Professor S. Albam [ilegível]





Figura 22

11.

Título:

Mapa do Município de São José dos Pinhais

Data: sem data

Autoria: desconhecida



12.

Título:

Mapa da Região Metropolitana de Curitiba

Data: sem data

Autoria: COMEC





LEVANTAMENTO
AEROFOTOGRAMETRICO
ESCALA 1:50 000

		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
20-29		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
30-39		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
40-49		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
50-59		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
60-69		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
70-79		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
80-89		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99
90-99		50-59	60-69	70-79	80-89	90-99

DECEMBER 1992 MAGNETIC TIDES

PROJEÇÃO UTM
MERIDIANO CENTRAL 31°W
DATUM PLANKMETHYDICO - COORDENADA NORTE 1980
DATUM ALTIMETRICCO - ALTITUDE 1980

DECEMBER 1992 MAGNETIC TIDES

1000

© 2007 Blackwell Publishing Ltd
Journal of Internal Medicine 261: 103–110

ONLINE JOURNAL

[illegible][illegible]

86

13.

Título:

Recorte do Mapa Geral da América do Sul

Data: 1825

Autoria: desconhecida





Figura 26

Coleção

FONTES HISTÓRICAS

**mais
cultura**



Museu Municipal
Atílio Rocco



**São José
dos Pinhais**
PREFEITURA